

# Presidente quer ampliar <sup>Samuel</sup> contatos

O presidente José Sarney pretende implantar uma nova concepção administrativa a partir do próximo ano, que consiste em procurar abrir ao máximo o leque de entendimentos do Governo com toda a sociedade civil, impedindo que o poder Executivo passe a agir apenas em função das elites da sociedade, distanciando-se dos segmentos mais expressivos.

Segundo informações concedidas no Palácio do Planalto, o presidente José Sarney já orientou seus assessores mais diretos, especialmente o Gabinete Civil, para adotarem um cuidado todo especial na elaboração da sua agenda, visando a torná-la a mais democrática possível. Esta orientação significa evitar ao máximo a repetição sistemática dos mesmos líderes para avistar-se com o Presidente.

Sarney quer manter entendimentos com o maior número possível de líderes da sociedade civil, notadamente de trabalhadores e empresários para, desta forma, evitar um lugar comum da "Velha República": o encontro do Presidente e dos seus ministros sempre com as mesmas pessoas que constituíam um grupo muito seletivo e muito pequeno.

Quer também o Palácio do Planalto que os ministros de Estado procurem adotar esta orientação, pela qual o Governo deve procurar o diálogo com um número cada vez maior de líderes empresariais, trabalhistas e comunitários, principalmente. Agindo desta maneira, o Presidente imagina que terá condições de sentir melhor como estão sendo recebidas as medidas do Governo, para que possa, então, aprimorá-las. A "Velha República", segundo análise feita no Palácio do Planalto, não conseguiu sair do eixo Rio-São Paulo, na hora de ouvir as lideranças da sociedade civil. Pior ainda, os encontros dos líderes da sociedade com os homens de governo, principalmente com o Presidente da República, eram administrados como se fossem "prêmios" concedidos a esses líderes pela sua afinidade com o pensamento do Executivo. Com isto, o governo foi se distanciando cada vez mais da população, tornando-se "prisoneiro das elites conservadoras". Os interlocutores do Governo eram sempre os mesmos, muitos deles

utilizando os contatos com as autoridades apenas para buscarem benefícios em causa própria, das suas empresas, ou de setores muito restritos.

Para evitar que isto se repita, o presidente Sarney quer ouvir trabalhadores e empresários de todo o País, dirigentes de pequenas e de grandes empresas. Só assim, diversificando ao máximo os seus contatos, o governo estará em condições de fazer autocrítica da sua atuação, reafirmando acertos e corrigindo seus erros.

Até o momento, apesar de uma opção neste sentido, a agenda do presidente Sarney não tem conseguido exercer esta diversificação. O Presidente não tem recebido com frequência em seu gabinete líderes empresariais de fora do eixo Rio-São Paulo. Entretanto, tem recebido aquelas lideranças que mantêm posição mais crítica em relação ao Governo, destacando-se aí o presidente da Associação Comercial de São Paulo, Guilherme Afif Domingos, o presidente da CNA (Confederação Nacional da Agricultura), Flávio Brito, e o presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, César Rogério Valente, mas que, de certo modo, formam também o mesmo pequeno grupo de interlocutores do governo anterior. Como também outros líderes recebidos por Sarney, como Abílio Diniz, do grupo Pão de Açúcar, Luiz Eulálio de Bueno Vidigal, da Fiesp e outros.

Dos empresários que têm freqüentado nestes primeiros meses de governo o gabinete do presidente Sarney destacam-se ainda André Beer, presidente da Anfavea; Wolfgang Sauer, da Volkswagen; Joubert José Gomes, da Brasilit; Albano Franco, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI); João Arthur Donato, presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro; Luiz Otávio Vieira, da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul; Camilo Cola, da Viação Itapemirim, Alain Belda, diretor da Alcoa, e Roberto Bornhausen da Fepraban. José Francisco da Silva, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores (Contag), também integra a lista, esta muito restrita, de líderes trabalhistas que mantiveram encontros com o Presidente.